



O NOVO ÊXODO: OPRESSÃO E LIBERTAÇÃO NO SÉCULO VI A.C.^v



Mariana Aparecida VENÂNCIO*
Geraldo Dondici VIEIRA**

RESUMO

O Êxodo foi um evento paradigmático na história de Israel, fundamental para seu autorreconhecimento como povo eleito, e mais tarde, para sua organização enquanto religião monoteísta. À sua luz, o Dêutero-Isaías fez uma releitura da libertação do Exílio na Babilônia, de modo que este evento foi considerado, desde então um Novo Êxodo. O profeta insiste no termo *novo*, evidenciando que a libertação da Babilônia não será mera repetição dos fatos ocorridos no Egito, mas, antes, lançará uma nova luz sobre a libertação outrora ocorrida e que não tardará a repetir-se, desta vez, com um caráter mais universal. A própria compreensão que Israel faz de seu Deus sofrerá um avanço, não porque Ele tenha agido de forma diferente na Babilônia, mas porque Israel, neste momento, fez uma experiência mais profunda da libertação. É importante compreender os vários Êxodos pelos quais a humanidade passou, e também os que ainda enfrenta, sob o prisma de um Deus libertador, que ouve o clamor de seu povo e a ele desce. Para os cristãos, o Êxodo definitivo está na entrega de Jesus Cristo na cruz, evento que selou, de uma vez por todas, a libertação do povo e a soberania de YHWH.

Palavras-chave: Novo Êxodo. Dêutero-Isaías. Libertação. Exílio.

1 INTRODUÇÃO

**As primeiras coisas já se realizaram,
agora vos anuncio outras, novas (Is 42,9)**

Uma sucessão de eventos do século VI a.C. marcou de forma significativa a história de Israel. Entre opressão e libertação, Israel experimentou, num curto período tempo, que vai de 597 a 539, escravidão e liberdade, opressão e esperança,

^v Artigo recebido em 22 de maio de 2015 e aprovado em 20 de junho de 2015.

* Graduanda em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

@: mari_aparecidav@hotmail.com

** Mestre em Ciências Bíblicas (Pontifício Instituto Bíblico de Roma). Doutor em Teologia Bíblica (Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte). Docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

@: geraldovieira@pucminas.cesjf.br



descrença e fé. A falsa segurança na qual o povo hebreu pautava sua vivência, reconhecendo-se como povo eleito por YHWH, foi apontada e condenada por profetas como Amós, Oséias e o Primeiro Isaías¹. O fim profetizado por eles para esta situação enfim concretizou-se com a invasão de Jerusalém pelos babilônios. Nabucodonosor levou um grupo de israelitas cativo para a Babilônia em 597, e também outros nos anos seguintes, através de sucessivas deportações. Destruiu as cidades, saqueou os tesouros do Templo, privou Israel de sua terra. Era o início do tempo do Exílio na Babilônia.

No decorrer dos anos do Exílio grande parte dos judeus levados foi perdendo suas esperanças de libertação. Para eles, Deus havia se esquecido de seu povo, impondo-lhe um castigo a duras penas. Ao lado destes, que haviam esperado a libertação iminente e perdido as esperanças, estavam outros, que reconstruíram sua vida na Babilônia e já viviam com certo conforto, de forma que não lhes era mais importante regressar ao território do antigo Israel. Os costumes foram sendo aos poucos deixados de lado e as práticas culturais, esquecidas. Neste contexto surgirá um profeta, cujo nome não se conhece, mas cujos escritos foram conservados para reavivar a esperança de libertação ao povo desanimado, vislumbrando uma nova possibilidade de retorno a Israel. Sua obra está entre as mais belas poesias proféticas da **Bíblia Hebraica**. A principal mensagem trazida pelo **Dêutero-Isaías** é a de que a libertação é possível e já está próxima. Deus ouviu o clamor de seu povo e não tardará a libertá-lo.

Para dar credibilidade à sua profecia, o Dêutero-Isaías trará à memória de seu povo um evento emblemático para o povo de Israel, um tema fundamental em toda a **Bíblia Hebraica**: o Êxodo. O profeta utilizar-se-á das lembranças do evento da libertação do Egito para reafirmar que YHWH tem o poder de libertar, salvar e reconduzir, que é o Deus dos oprimidos e dos sofredores, do povo transgressor. E assim, Israel poderá refazer a experiência libertadora de um Deus que age em favor de seu povo.

O Dêutero-Isaías fez, assim, a releitura dos acontecimentos de seu tempo à luz dos eventos outrora ocorridos no Egito. Para ele, a libertação e o fim do Exílio na

¹ O livro de **Isaías** é dividido em três blocos: **Proto-Isaías** ou **Primeiro Isaías** (cc. 1-39), **Dêutero-Isaías** ou **Segundo Isaías** (cc. 40-55) e **Trito-Isaías** ou **Terceiro Isaías** (cc. 56-66). O segundo bloco, no qual se encontram os relatos do período histórico que é objeto deste estudo, provavelmente é obra de um profeta cuja atividade está situada nos anos finais do Exílio na Babilônia.

Babilônia representaram um Novo Êxodo na história de Israel, sendo este ainda mais elaborado que o primeiro. O objetivo, portanto, do presente estudo é aproximar alguns aspectos teológicos dos dois eventos em questão, evidenciando sua relação, suas particularidades e semelhanças, para que assim, seja possível compreender melhor qual o sentido que a libertação da Babilônia assumiu na história de Israel.

2 A LIBERTAÇÃO DA BABILÔNIA É UM NOVO ÊXODO

Os eventos que ocorreram no Egito, quando o povo hebreu havia se tornado grande e numeroso, revelaram um Deus poderoso e onipotente, que travara uma grande batalha em favor de seu povo, retirando-o da opressão com mão forte e braço estendido (cf. Dt 5,15) e conduzindo-o pelo deserto, onde selara com ele uma aliança indissolúvel, firmada em sua Lei e em seu amor (cf. Os 2,14ss). Tal sucessão de acontecimentos manteve-se viva pela tradição, no coração de cada hebreu, como sua marca. A história do Êxodo tornou-se seu credo, sua identidade (cf. Dt 26,5-9). Milton Schwantes, em **O Êxodo como evento exemplar** (1988) destaca que “o Êxodo é um paradigma. Faz as vezes de; é um exemplo. Assemelha-se a uma lâmpada. Ilumina toda a história bíblica. Aparece como sua veia principal. (...) Constituiu-se, pois, experiência básica no núcleo do povo de Deus” (SCHWANTES, 1988, p. 9). Dado seu caráter paradigmático, é possível compreender porque o Exílio na Babilônia pôde ser entendido pelo Dêutero-Isaiás à luz do Êxodo, e quais os efeitos que esta releitura provocou aos que liam aqueles panfletos circulantes pela Babilônia nos anos finais do Exílio, que convidavam à esperança e à conversão a YHWH. A imagem do Êxodo recorda a libertação e a vitória do poderio inabalável de Deus, sua força soberana diante dos poderes temporais e sua atenção para com o povo oprimido. Dentre vários aspectos, porém, um deve ser ressaltado: a aliança firmada entre YHWH e seu povo. O Dêutero-Isaiás deparava-se com um povo que afastava-se cada vez mais da aliança, perdendo a esperança no Senhor, cedendo à idolatria da Babilônia, abandonando as práticas culturais que seus pais outrora fielmente praticavam em sua terra. Era preciso retornar à Aliança, retornar ao Senhor e nele esperar.

Este segundo Êxodo retomará o antigo, elevando-o a outro nível histórico, sem retirar sua importância. O primeiro é limitado como acontecimento histórico,



mas não se esgota enquanto ação libertadora divina. A salvação de Deus prefigurada no Êxodo não tem limites, como afirma Alonso Schökel e José Luis Sicre Diaz na obra **Profetas I** (2004):

O segundo êxodo retoma o antigo, atualiza-o e eleva-o a novo nível histórico. Isso demonstra que o primeiro êxodo, enquanto acontecimento empírico, tem limite e condicionamento, mas enquanto salvação divina, não se esgota, mas supera a si próprio com vistas ao futuro. Como experiência religiosa e com múltipla formulação oferece-se de novo, anulando o limite e o condicionamento: a salvação de Deus, que penetra na história para nela se realizar, ultrapassa essa história com sua plenitude sem limites (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2004, p. 271).

É possível perceber continuidades e descontinuidades tanto literárias quanto teológicas entre os dois eventos. A ordem temática que se pode apreender destes dois momentos históricos através dos relatos bíblicos é mantida.

3 ORDEM TEMÁTICA DOS DOIS ÊXODOS

É preciso reiterar que, ao se analisar os relatos bíblicos do **Dêutero-Isaías** acerca do fim do Exílio na Babilônia, é possível perceber grande semelhança ao evento histórico da saída do Egito. O povo, feito escravo, sofre com a opressão e atravessa uma crise de fé, julgando ter sido esquecido por seu Deus. Surge então um homem, chamado pelo próprio Senhor para reconduzir seu povo. Ele inicialmente precisa convencer o povo de sua condição escrava, lembrando-o de sua aliança com o Senhor, exortando-o a abandonar a idolatria e anunciando-lhe a esperança da libertação. YHWH trava, então, um combate contra o inimigo e este é vencido e derrotado de forma terrível, evidenciando o poderio do Senhor sobre todas as coisas. Ele retira seu povo da terra da opressão e o reconduz à terra prometida. José Raimundo Oliva, em **Os três êxodos** (2009), destaca esta continuidade teológica existente entre os dois eventos, afirmando que

a teologia deste êxodo do Egito segue uma ordem temática: eleição – vitimização – vingança divina/violência – premiação da “terra prometida” (com violência ativa e provocativa de conquista). O retorno do exílio da Babilônia, como um “segundo êxodo”, segue a mesma ordem temática (OLIVA, 2009, p. 37).

Tal continuidade teológica não pode, no entanto, provocar o entendimento de que os fatos do fim do Exílio foram meras repetições do que aconteceu no êxodo do Egito. O Dêutero-Isaías já antecipa a compreensão da libertação como um êxodo, mas mesmo ele anuncia e espera algo de novo, uma libertação mais ampla. Como afirma John Bright, em sua **História de Israel** (2003),

o Segundo Isaías via a aflição do seu povo como uma escravidão renovada do Egito e a peregrinação através do deserto. Assim, ele descrevia a próxima libertação como um novo êxodo (43,16-21; 48,20ss; 52,11ss), e, portanto, como um reatamento numa escala bem maior dos acontecimentos que constituíram a história de Israel. Sendo assim, ele podia considerar tudo isso como o coroamento da atividade criadora e redentora de Iahweh, remontando não somente ao êxodo, mas à própria criação (51,9-11). O que se esperava claramente não era mera reabilitação da antiga ordem, mas uma mudança da história, além da qual estava o triunfo final do domínio de Iahweh (BRIGHT, 2003, p. 426).

Segundo esta linha comparativa, o Dêutero-Isaías descreve estes acontecimentos decisivos usando imagens próprias do Êxodo (cf. Is 43,19). Com isso, ele rememora um fato importante na tradição de seu povo, e ao sinalizar eventos análogos aos do Êxodo, ele comunica a mensagem de libertação própria deste evento. Esta aliança de amor viva na memória do povo voltará a manifestar-se na história, agora, no momento da saída da Babilônia.

4 YHWH: DEUS QUE AGE EM FAVOR DE SEU POVO

Como experiência religiosa, os dois eventos de saída do Egito e da Babilônia são conduzidos pela imagem do Senhor que caminha à frente de seu povo. No contexto do êxodo do Egito, Deus revelará seu nome a Moisés. A revelação do nome é paradigmática na **Bíblia Hebraica**. O nome revela personalidade, apresenta, dá a conhecer. É isso que faz o Senhor quando em Ex 3,14, responde a Moisés revelando seu nome: YHWH. Este nome tem em sua raiz, o sentido de **ser, acontecer, agir**. De fato, YHWH é o Deus da ação, o sujeito da história, e sua ação mais emblemática ao longo da história de Israel é o Êxodo. Nele o Senhor ouve seu povo, desce até ele, o retira da casa da escravidão, o conduz pelo deserto, estabelece com ele uma aliança e o faz entrar na Terra Prometida.

A ação de Deus no primeiro êxodo é mantida também no segundo. Ele age como o libertador e resgatador, como o *go'el* de Israel. Moisés e Ciro, agentes da libertação nos dois eventos, são apenas instrumentos, homens chamados pelo



Senhor. No caso de Ciro, ele é um instrumento inconsciente, é o Senhor que sai à frente de seu povo, pessoalmente. A compreensão de YHWH como o Deus libertador, que está ao lado do povo oprimido, embora possa ser compreendida das narrativas do Egito, é favorecida no segundo êxodo. Como se a experiência libertadora do primeiro Êxodo ainda não tivesse sido compreendida por completo pelo povo, que acreditou ser possível que, diante da transgressão da aliança, o Senhor os tivesse abandonado, impondo-lhes o castigo do Exílio. Assim, reitera Henri de Ternay e Lúcia Weiler em **Um exercício de releitura global da Bíblia a partir do eixo do êxodo** (1989):

Isto traduz uma evolução na própria imagem de Deus. Não é mais o Deus todo poderoso que liberta com braço estendido e com mão forte, mas um Deus que desce, se faz humilde, se torna pobre com os pobres. Esta manifestação de um Deus que solidariamente assume a causa dos pobres e não aparece mais como o único vitorioso marca a passagem do próprio Deus pelo exílio. Neste contexto não se fala tão facilmente das vitórias de Javé (TERNAY; WEILER, 1989, p.66).

Nesta nova compreensão de um Deus que desce até seu povo, é possível entender então que, tendo já libertado outrora um povo indigno no Egito, não pouparia esforços também por resgatá-lo novamente, mesmo que estivesse cego e surdo, conforme a imagem do Dêutero-Isaías (42,18-21; 48,1-11). Ele chama atenção para o fato de que a aliança com o Senhor jamais foi rompida e o Exílio não havia representado um divórcio, mas uma transgressão momentânea, da qual o povo precisava despertar. Por isso, o fim do Exílio não é somente uma mudança de terra, mas um convite à conversão e ao abandono da idolatria. “Assim como no primeiro êxodo Javé libertou os israelitas da escravidão e opressão do faraó do Egito (Ex 15), no segundo êxodo, Javé liberta os cativos da idolatria babilônica, e os conduz à terra de seus antepassados” (OLIVA, 2009, p.38). O profeta já prepara esta libertação, ao contrapor a soberania de YHWH à impotência dos ídolos, afirmando que estes últimos nada são (cf. Is 41,24).

O Êxodo do Egito foi um evento restrito, que aconteceu em favor exclusivo do povo de Israel. A esperança do Dêutero-Isaías, no entanto, era de que, na saída da Babilônia, a ação libertadora de YHWH fosse estendida a todos os povos. Como ressalta Bright:

Certamente, com esse profundo senso da eleição de Israel, ele não podia duvidar, nem duvidou, do papel peculiar e proeminente de Israel na economia divina. Mas ele esperava ansiosamente o tempo em que todas as nações reconheceriam Iahweh como Deus (49,6). Ele esperava que as nações vissem na reviravolta então em curso a poderosa exibição do poder de Iahweh; e que depois, libertando-se dos escombros de sua religião pagã, examinassem claramente a falácia da idolatria e se voltassem para o único Deus que pode salvar (BRIGHT, 2003, p. 428).

O Dêutero-Isaias provocou, com tais argumentos, uma espécie de conversão fundamental à tradição que mais tarde originou o Judaísmo como a religião que hoje se pode conhecer: seu Deus ganhou dimensões universais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da exposição da relação existente entre estes dois eventos tão significativos para a história do povo de Israel e para a constituição da religião judaica, concluímos este estudo introdutório. Perante estas aproximações torna-se cada vez mais evidente a importância do evento Êxodo para Israel, constituindo um paradigma fundamental para a **Bíblia Hebraica** e para o Judaísmo.

É verdade que o mundo enfrentou e ainda hoje enfrenta vários outros êxodos, coletivos, individuais, familiares. O Cristianismo reconheceu nos acontecimentos da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo o Êxodo definitivo, enquanto realização plena do projeto de salvação já prefigurado na saída do Egito e anunciado pelos profetas, que realiza-se a partir da Encarnação e da *kenosis* do Filho de Deus. Enquanto o Êxodo da Babilônia atualiza e eleva o Êxodo do Egito, o Êxodo realizado por Cristo é o autêntico, torna-se paradigma e garantia de realização para todos os demais, anteriores ou posteriores:

Desta maneira, o primeiro êxodo adquire e descobre o seu sentido mais profundo; o segundo êxodo ou retorno do exílio fica transfigurado entre uma recordação histórica e um anseio e anúncio futuro; o terceiro êxodo ou "passagem de Cristo" envia uma mensagem pela frente, uma grande sombra de montanha, e se torna presente na fusão do símbolo histórico e do símbolo poético. Porque o terceiro êxodo, o realizado por Cristo, é o Êxodo autêntico, o êxodo central, aquele que justifica e põe em marcha os anteriores e os futuros. Através de Cristo, os símbolos do segundo êxodo e os do primeiro passam para a Igreja peregrina, expectante em cada Advento litúrgico, caminhante rumo ao grande retorno final, quando todos os símbolos se tornarão realidade superior a eles (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2004, p. 272).



Assim, encontram-se nos fundamentos bíblicos dos três êxodos principais os paradigmas que possibilitam conhecer ao Deus verdadeiro do Êxodo, que ouve seu povo, desce até ele e caminha à sua frente. É Deus de ação, de libertação e de misericórdia para com os oprimidos. Para os cristãos, é o Deus revelado em Jesus Cristo, que em sua doação total, ofereceu o próprio Filho em resgate por toda a humanidade (cf. Rm 8,32). Neste Deus misericordioso encontram sua força aqueles que sofrem as dores e a opressão que a sociedade lhes impõe, das mais diversas formas. Apoiados na fé e com o coração cheio de esperança, sabem que, se uma vez agiu Deus pela liberdade de seu povo, não tardará a agir novamente em favor de seus filhos.

THE NEW EXODUS: OPPRESSION AND RELEASE IN THE SIXTH CENTURY B.C

ABSTRACT

The Exodus was a paradigmatic event in Israel's history, key to his self-recognition as the elect, and later to your organization while monotheistic religion. In this light, the Second Isaiah made a rereading of the release of Exile in Babylon, so this event was considered since them, a new Exodus. The prophet insists on the *new* term, indicating that the release of Babylon will not be mere repetition of the events in Egypt, but first will cast a new light on the release occurred once and that will soon be repeated, this time with a more universal character. The own understanding that Israel does of your God will suffer a breakthrough, not because He has acted differently in Babylon, but because Israel at this time, made a deeper experience of release. It is important to understand the various Exodus by which humanity got through , and those who still faces from the perspective of a liberator God who hears the outcry of his people and comes to them. For Christians, the definitive Exodus is in the delivery of Jesus Christ on the cross, an event that sealed once and for all, the release of people and the sovereignty of YHWH.

Keywords: New Exodus. Deutero-Isaiah. Release. Exile.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BRIGHT, John. **História de Israel**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

OLIVA, José Raimundo. Os três êxodos. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, v. 4, n. 104, p. 35-43, out. 2009.

SCHÖKEL, Luís Alonso; SICRE DIAZ, José Luís. **Profetas I: Isaías, Jeremias**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHWANTES, Milton. O Êxodo como evento exemplar. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, v. 2, n. 16, p. 9-18, 1988.

TERNAY, Henri de; WEILER, Lúcia. Um exercício de releitura global da Bíblia a partir do eixo do Êxodo. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 24, p. 60-74, 1989.